

GALERIA ROMANTICA

JORNAL LITTERARIO, POETICO, E NOTICIOSO.

Anno I.

Domingo, 21 de Agosto de 1864.

N. 4.

PREÇOS ADIANTADOS.

CORTE.

| | |
|---------------------|---------|
| Por um anno..... | 10\$000 |
| Por seis mezes..... | 6\$000 |
| Por tres mezes..... | 3\$000 |

PROPRIEDADE DE ANTONIO VIEIRA DE ALMEIDA AZEVEDO

Publica-se todos os Domingos e assigna-se na rua Nova do Ouvidor n. 20.
Numero avulso, 300 rs.

PREÇOS ADIANTADOS.

PROVINCIAS.

| | |
|---------------------|---------|
| Por um ann | 12\$000 |
| Por seis mezes..... | 7\$000 |
| Por tres mezes..... | 4\$000 |

GALERIA ROMANTICA.

FERNANDO E MARGARIDA.

ROMANCE.

IV. — A suspeita.

(Continuação)

— Tudo isso sei perfeitamente, — observou Fernando mordendo os beiços para conter a cólera que começava a sentir, — porém não comprehendo ainda porque Vm. Sr. Alonso, disse no principio que a noticia que lhe derá o fazia entristecer...

— Pois eu disse isso, Sr. cavalleiro? — acudiu o velho simulando espanto. — Tal coisa não permitta Deus!

— Então enganei-me... Suppoz que a sorte dos culpados e não esses tristes acontecimentos o tornavam pensativo...

— Com a devida venia, meu querido hospede... redondamente se enganou... eu...

— E já foram todos descobertos, meu bom pai? — atallhou a moça sentindo secreta sympathia pelas victimas, talvez por se lembrar da posição do seu amante. — Coitados! como haviam de ser severamente castigados.

— Coitados, dizes tu! — exclamou o Sr. Alonso dando um sorriso de compaixão. — É verdade que só escutas o teu bom coração... Coitados! Coitados daquelles que lhes cahissem nas mãos se elles ganhassem a partida!... Mas o Sr. governador foi-lhes logo no encalço, e...

Apezar da austeridade que queria inculcar, o velho atallhou-se estremecendo.

— N'uma palavra, Sr. Alonso, já foram todos remetidos a Lisboa? — perguntou Fernando suspenso, se assim se pôde dizer, aos labios de seu interlocutor.

— Alguns... mas outros... o cabeça do moim...

— Desgraçados quicá?

— Sim, mas Jeronymo...

— Ah! faz-me tremer! Pois o misero Barba-lho...

— Foi passado pelas armas!

— Horror! — bradou Fernando escondendo o rosto entre as mãos.

— O castigo de certo foi terrivel; — redarguiu o velho com hesitação; — mas eu o acho justo.

— Justo! — exclamou o moço indignado. — Justo, um castigo barbaro e tyranno!

— Mas note, Sr. cavalleiro...

— Sr. Alonso, não ha considerações, nem conveniencias politicas que possam justificar esse cruel procedimento... a razão e a humanidade a elle se oppõe.

— A humanidade pôde ser, mas a razão...

— Senhor, quando um povo soffre um jugo pesado e odioso, deve procurar despedaçal-o; — tornou Fernando com crescente indignação. — O exemplo temos mesmo em Portugal. — O duque de Bragança, que Deus haja, não se revoltou contra os seus oppressores? E se não tivera triumphado, e el-rei Phelipe IV, o mandára decapitar, seria justo este castigo... haveria razão em fazer-lhe expiar dessa guiza o amor da patria?

— Porém, Sr. cavalleiro; — redarguiu o velho em extremo admirado de ver seu hospede expender tão insolitas theorias; — o nosso caso é differente... A revolução de Portugal foi necessaria, porque um povo livre não podia soffrer por mais tempo a tyrannia dos usurpadores, emquanto que nós...

— Escravos como somos, devemos curvar a cerviz ao jugo dos nossos senhores, não é assim, Sr. Alonso? — replicou Fernando com amarga ironia. — E de feito... miseraveis colonos, qual é o nosso dever, senão trabalhar sem fazer uma só queixa para os que com látego em uma mão, e os ferros em outra nos obrigão, extenuados e mortos de cansaço, a encher a sua burra?... Ah! viajando na Europa, respirando ahi o ar da liberdade, quando voltei para esta maldada terra, meu coração sangrou dolorosamente ao ver o estado degradante dos meus patricios embrutecidos e escravizados. — Pois que! quando a metropole sacóde um jugo aborrecido, quando em alguns paizes tolerão a liberdade religiosa, os soberanos, a inquisição queima entre nós milhares de des-

graçados, e um mandão feroz e sanguinario, trata-nos como brutos, deixando reduzir á escravidão aquelles cuja unica culpa é a de se terem deixado vencer e espoliar pelos europeus?!

— O padre Antonio não diz isso... Afóra a escravidão dos Indios, elle grita sempre que temos liberdade até de mais.

— Bem longe está o dia das represálias, meu caro Sr. Alonso... Ah! bem sei que é uma loucura o depôr um governador, para aceitar outro... não se corta o mal assim pela raiz; mas, como soffrer impassiveis a ignominia que nos cospem no rosto?

O Sr. Alonso pela primeira vez, suspeitou da lealdade de seu hospede, e tomando um ar severo, assim fallou-lhe:

— Sr. cavalleiro, muito me admirão as suas palavras! Um portuguez conspirar-se contra os seus! Bofé, que isto é muito feio...

— Respeito as suas convicções, e as desculpo: — replicou Fernando com uma calma não extreme de tristeza. — Ainda que descend de portuguez, tambem me corre nas veias o sangue dos indigenas, e por consequencia não deve admirar que eu á prol delles falle. Ao demais, quando assim não fôra, devemos cegamente approvar as injustiças, extorsões e iniquidades de nossos maiores ou coevos?

— Mas o Sr. cavalleiro falla sem razão, permitta que lh'o diga. Em que somos dignos de lastima, e principalmente esses barbaros, cuja condição de escravos é melhor do que antigamente? Hoje não se devorão uns aos outros, e tem o verdadeiro conhecimento de Deus, nosso Senhor!

— Meu caro Sr. Alonso, obstante só haver para desculpar a conquista dos Indios, o direito do forte contra o fraco, não o censuro tanto como o procedimento ulterior dos nossos pais contra esses miseros, que com seu barbaro idioma e feroz superstição, erão mil vezes mais poeticos e heroicos, quando empunhavam o tacape, e embocavam a terrivel inubia, do que seus vencedores com os seus ridiculos chanfalhos, e estúpida linguagem... Sim, até essa cerimonia barbara em que immolavão os seus prisioneiros, e a mesma mussurana, com que os manietavão, causavão menos horror do que as fagueiras e torturas da inquisição, e matança que ha um seculo se tem feito nos hereges! A cruel escravidão com que os

esmagão, assim como este systema de oppressão com que nos excitão á revolta, e essa maldita espionagem que exercem em torno de nós, expondo-nos ás mais infames relações, é que causão a minha indignação e...

Fernando foi interrompido por Martin o Pagé que appareceu, conduzindo pela mão um individuo, que pela escuridão que começava a reinar, não foi para logo reconhecido por nenhum dos nossos personagens.

(Continúa).

UM ENCONTRO INSPIRADO.

PAR

J. C. Pinto Pereira.

II

Alfredo, que assim se chamava o moço, ficou estatico ao ver o procedimento do velho, que havia-se retirado sem ao menos despedir-se d'elle. A curiosidade augmentava-se-lhe cada vez mais, e em sua imaginação ardente já entre-via um mysterio digno de ser investigado.

Resolveu pois, que a todo custo, saberia daquelle mysterio. Porém como? dizia elle muitas vezes consigo mesmo.

Nada podendo conseguir naquella dia retirou-se com o pensamento todo entregue áquelle velho. Ao chegar em casa, seu pai, notando-lhe o ar pensativo, perguntou-lhe a causa.

Alfredo, contou o encontro que tinha tido; communicou-lhe a impressão que lhe causara a vista e a conversa que havia tido com o velho e terminou pedindo-lhe licença para no dia seguinte ir á casa, e com este pretexto ver se o encontrava, a fim de descobrir o mysterio, que certamente o envolvia.

— Sim, meu filho, disse o pai de Alfredo; vai e procura-o; se elle precisar de dinheiro, soccorre-o, porque será uma boa acção, cuja recompensa terás do céu, e em te abençoarei.

No dia seguinte Alfredo, armado de espingarda e preparativos de caça, partiu e entrou a-se pelo matto, não em busca de caça, mas realmente em procura do velho. Alfin avistou-o nas proximidades das Pauciras, um dos lugares mais pittorescos e encantáveis, que possui o nosso bello e fértil Rio de Janeiro.

Alfredo logo que o viu, correu para elle e lhe disse:

— Bom velho, um acaso feliz fez, que nos tornassemos a ver. Consenti pois, que de novo vos offereça meus serviços.

O velho, que estava assentado em uma pedra, com a cabeça encostada sobre o seu bordão, ao ouvir estas palavras levantou-a, e reconhecendo-o disse:

— Amigo, tenho percebido, que o vosso coração é nobre e bondoso; tendes compaixão de mim, não é verdade?

Desejais saber de minha vida?

— Sim, desejo, e muito.

— Pois bem, eu vol-a contarei. Assentai-vos naquella pe tra. A minha historia é pequena, porém encerra um horrivel episodio, que talvez não vos agradará muito; ouvi-me:

— Não importa, o meu desejo é saber-o.

Disse-lhe Alfredo, assentando-se na pedra indicada pelo velho, mais contente porque finalmente não ser satisfeitos seus desejos.

(Continúa).

VARIEDADE.

A MULHER PERDIDA

Primeiro ensaio de prosa

POR

JOAQUIM PEREIRA DE ALMEIDA.

IV.

Alguns mezes estive doente e te conservaste recatada: quando, porém, te achaste no gozo de uma saúde perfeita, voltaste novamente aos bailes: outra loucura maior obraste então, não procuraste mais o mesmo amante de outr'ora; mas sim outro! outro, que com brandas e seductoras palavras te entranhou no peito novo veneno: fazendo com que outra vez te pousasse na fonte o nome de infantecida! Desta vez, porém, não pude levar avante o desejo de callar-me; resolvi ir dizel-o a teu pai, entrei em casa e que scena se me mostrou aos olhos? Estavas de joelhos aos pés do auctor de tens dias, que sobre ti, estendendo a sua descarnada mão, e vertendo lagrimas de sangue, dizia: — Maldição! lembra-te; então entrei eu, e lançando-me de joelhos a seus pés e a teu lado, por ti suppliquei, e elle, pensando ser eu o auctor do crime, principiou por me reprehender do que pensava que eu tinha feito, ao mesmo tempo, pensando que eu te ia pedir em casamento deu-me a permissão de contigo me unir... doce foi para elle aquelle momento; mas, oh! meu Deus, foi-lhe tanto de mais, porque lhe contei a verdade, a verdade terrivel, que lhe custou a acreditar; mas que não teve remedio senão crê-la, pois era incontestavel!

Depois de tudo lhe contar diante de ti, fiz com que elle te perdoasse, o que elle fez, tirando de cima da tua cabeça essa maldição terrivel que sobre ti lançara!

Manso e socego se mostrava elle, parecia que seu rosto estava sereno, e que o seu coração latejava pausadamente; mas pouco durou isto, porque em breve cahio meio desfallecido para um dos lados, tomado de uma violenta febre! Conduzimol-o para o seu leito de dôr; deitemol-o e depois, lembra-te! como elle sobre nós lançou um olhar que parecia dizer: «Vós ambos poderíeis ser felizes...» Não se enganava; mas para isso já era tarde!... Oito dias, longos oito dias, esteve no seu leito de dôr, no dia dos quaes entregou a sua alma a Deus!

E quem era o causador da sua morte?

Eras tu! e sobre a tua fronte acabava de pousar o horroroso nome de — Parricida!!!

V.

Assim que teu pai desceu á sepultura, estavas livres podias fazer o que muito bem te aprovesse. Ainda por algumas vezes te fui ver: mas os meus olhos depressa se espantáram, quando virão tornar-se á casa de teu pai, que tão honrada tinha sido, em lupanar de vicio! Então deixei de te visitar; os meus olhos, porém, te seguião de longe e um só passo não podias dar que eu te não observasse.

Entregando-te nos braços de um amante, fruite a vida a longos tragos de impuro mel, que havião de ser alfin acabados de libar, para cahires na mais horrorosa posição. Teu amante vendo que te faltava o principal, que é o dinheiro, pois elle t'o tinha feito gastar todo, — abandonou-te!

Eis a justa paga que delle tiveste, eis o principio do castigo de teus nefandos crimes!

Passa los alguns mezes, vendo-te na mais medonha miseria, e ten lo compaixão de ti, arranjei-te uma casa onde podesseis viver pelo suor de teu corpo, mas com honra: como, porém, tinhas sido creada entre mil mimos, depressa te aborreceste de servir e sabistes da casa em que talvez podesseis ser feliz, para te lançares nos braços de um novo amante! Oh! então duvidei que tu fosses aquella donzella formosa de outr'ora, cuidei que um anjo como tu fôras, jámais se podesse transformar assim!

Agora já te não via o anjo de outr'ora, pois via-te no meio desse bordel horroroso, no lupanar de um vicio de gozos immundos; e quantas vezes te via alli sorrir?! Sorrías, mas esse sorrir diabolico que nos labios te pairava, não era como o teu sorrir de outr'ora: era um sorrir do inferno!

Murchas as rosas do teu rosto, já não parecias a mesma de outro tempo; mas, em paga disto, vestias os ricos vestidos de finas sedas, piulavas o teu amarello rosto, e andavas pelas ruas publicas como uma rainha do fado!

Quando em qualquer parte me encontravas não tinhas mais medo de mim, já me não temias nem fazias caso daquelle que tanto te tinha amado!

Se chegavas a encontrar-me, fallavas-me com essa desenvoltura propria de ti e do lugar e estado em que te achavas, julgavas-te feliz e não tremias quando te dizia: «— Mulher sem honra! lembra-te que foste infantecida e que mataste o teu proprio pai!...» A estas palavras tinha sempre de ti, como em resposta uma asquerosa — gargalhada!

Nem outra cousa se podia esperar depois que te pairava na fronte o nome de — Meretriz!...

VI.

A demora que havias de ter no immundo alcouce, devia ser pouca, porque havias de ser victima de uma doença fatal. Em pouco tempo esse venereo mortifero se te entranhou nos ossos e te fez assomar ao rosto uma côr de bronze, e pondo-te magra, descorada das faces e de olhos encovados, alfin parecias-me uma Megéra do Alverno!

Depois do teu corpo ser um poço do venenoso venereo, foste parar no lugar destinado para ti, e as tuas ignaes, a — Misericórdia!

Foi esta a primeira vez que te perdi de vista. Seis mezes se passarão desde o dia em que foste para a Santa Casa, e eu sem ter noticia de ti.

Em uma tenebrosa noite que eu vinha passando em uma escura rua, pensando que talvez já fosses morta, soarão aos meus ouvidos estas palavras:

— Esmola a uma pobre viuva desvalida!

Ao escutar esta voz fiquei gelado de todo, uma dôr profunda me assaltou o coração e me contristou a alma: é que eu tinha reconhecido aquella voz, e sabes de quem era? Era a tua!

Fitei os meus olhos nos teus horrorizado, parecias-me uma mulher de sessenta annos de idade, pe'as muitas rugas que tinhas no rosto, pela côr denegrida das tuas faces e pelo teu corpo de todo corcovado!

Já estavas assim acabada e no fim da vida, já tinha morrido tudo para ti, e apenas contavas vinte annos!

Oh! então é que eu senti uma verdadeira dôr no coração, e uma compaixão por ti, que me levou a dizer-te:

— Conheces-me? Lembras-te de mim?... Se tivesses sido minha, não series feliz?... Serias. E assim? Assim trilhaste a senda do crime por espaço de cinco annos, para por fim estenderes a tua mão descarnada ao passeante e pedir-lhe uma — esmola! — E acontece isto quando apenas contas vinte annos! Quando devia principiar para ti a sorrir uma doce e perene felicidade...

Quando te disse estas palavras, chorava e tu também; então, ao ver-te contricta, apertei-te entre os meus braços; mas, quão doloroso foi esse abraço, que, se tivesses sido virtuosa, seria de um prazer sem fim?!

Passados momentos apartei-me de ti.

Aonde estás? Por onde divagas?

Não sei: só sei que mais hoje ou mais amanhã, acabarás por dar o teu ultimo suspiro na esquina de qualquer rua, ou em alguma praça publica, sem teres quem te cerre as palpebras e te aperte as mãos descarnadas, exalando o teu ultimo suspiro, em cima de uma pedra dura!

Tal é a sorte da — mulher perdida!...

Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1861.

(Extr.)

POESIA.

O TROVÃO.

AO SR. ZALUAR.

Que voz é esta? A voz do Omnipotente
Fallando a humanidade;

Dizendo aos mandos do seu Deus o nome
Nos sons da tempestade!

Eil-a que nasce, e augmenta, e repercute
Dos céos na redondeza!

Ouvindo-a, sinto os montes abalar-se,
Curvar-se a natureza!

E' assim que ao seu Deus humildemente
Curvada rec'nhece,
Curva-se o homem também, — da natureza
Ao impulso obedece!

As nuvens n'um só corpo se transformão
Para encobrir os céos;
Mas o horrendo trovão lá vai, bramindo,
Rasgar-lhe os densos véos!

Rompem-se as nuvens alagando a terra,
Vai o céo apparecendo;
Logo um novo trovão canta a victoria
No seu bramido horrendo!

Oh! natureza! Interprete sublime
Das idéas do Eterno,
Que encerras no teu seio almas celestes,
E espiritos do inferno;

Quem ha neste universo que não sinta
Pulsar-lhe o coração
Como as cordas das harpas dos prophetas
Ante a voz do trovão?

Ninguém talvez; que o homem que não treme
De Deus ouvindo o brado,
Não é, não é mortal que a Deus pertença,
E' monstro humanisado!

E' o espectro terrivel da descrença,
Vagando pelo mundo;
Que escarnece feroz no berço o infante,
No leito o moribundo!

Meu Deus! Eu creio em ti porque conheço
Tua voz no trovão!
Ao ouvil-o a minh'alma a ti se eleva
Na crença e na oração!

F. Gonçalves Braga.

COMMUNICADO

PALESTRA.

Antes de tudo e como especialidade noticia aos meus amabilissimos leitores que minha prima fez no domingo ultimo um solemne protesto de não mais ir aos bailes na — Boa-Vista. Parece incrível, mas é certissimo! Na verdade um tal protesto, no meio de uma tão cega paixão que me tem manifestado por aquelle divertimento, faz-me crer na possibilidade de sua proxima quebra.

Como não estive no baile de domingo não presenciei as scenas que estimularão o seu protesto; se as que ella me descreveo são reaes entendo dever também fugir ao menos temporariamente.

Para não abusar da preciosa attenção dos leitores abstenho-me de apresentar a chronica do baile tal qual minha prima a descreveu; dizer entretanto que houve abusos subversivos da parte do mestre-sala e mais empregados ou prepotencia illimitavel; duas jovens ainda viçosas arrastadas

pela primeira vez áquelle baile, pelo furacão da adversidade foram victimas de um violento ataque excitado pelas continuas desordens que acompanháram a folia.

A dona da casa devendo ter alguma attenção com os frequentadores do seu estabelecimento, teve o arrojo de fazer vir á presença da autoridade um moço porque (dizia ella) lhe faltára ao respeito em certa conversação que havia tido com outro.

Por motivos frivolos e caprichos futeis foram expulsos do salão tres pessoas. Sube também que fôra admittido como-mestre sala um homem que, valha a verdade, dizem ter a mania de intrigar as pessoas que lhe não põe á disposição o metal seductor!

Basta de lamentos.

Minha prima esteve no Eldorado antes de ir para o baile: copio o dialogo que tivemos sobre esse passatempo: é em sua propria casa que fallamos.

— Então, prima, que tal esteve o espectáculo no Eldorado?

— Bellissimo, muita influencia, muitas jovens bonitas, e moços galantes então não se falla!... Olha, só á minha parte tive trinta e seis que me rodearão.

— Com effeito; custa muito a roer, mas enfim vamos adiante.

— O espectáculo correu perfeitamente, mas nada me fez admirar, como uma joven que não poderia ter mais de oito annos; o garbo que sustentou durante a cançoneta *Risette*.

— Pois tiverão a coragem de apresentar em scena n'uma parte tão difficil, uma menina de oito annos?

— Tiverão, sim; olha prima, sustentou com tanta firmeza e gallardia, que estou em dizer-te que n'um corpo tão pequeno existia a alma grande d'uma *Risette*.

— Ora deixa estar, que para outra vez, hei-de acompanhar-te; sempre quero ver essa menina de quem tanto gostaste.

— Enquanto ás outras personagens desempenhãrão as partes, conforme as suas forças. Mr. Cheri, no fim do espectáculo teve a habilidade (por meio da *phísica*) de despedir as amabilissimas frequentadoras do theatro, debaixo de muitas gaitadas.

— Então, a prima, deve estar atordoadá desde esse dia?

— Ora se estou; achas que é brincadeira, todas as gaitas que me rodearão, me acompanharem até á casa.

— E como te arranjaste com elles?

— Muito bem, despedindo-os, dizendo-lhes que o primo estava dormindo e que não queria de maneira alguma que te acordassem. Que achas?

— Acho boa a idéa; eu em casa tranquillo, e tu aqui te desculpando commigo. Mas vamos ao que serve. Que novidades ha mais para contar-me?

— Sabes que na segunda-feira, dia da Gloria, fui convidada para um pequeno jantar pela minha comadre.

— Ah! já sei, aquella senhora moradora no lugar que tem boa vista.

— Justamente: enquanto não veio o jantar, tudo foi folia, grande pagode e deboche, etc., etc. Mas depois da mesa posta, declaro-te que não gostei.

— Porque?

— Porque, em antes de irmos para a mesa, a crioula annunciou a chegada de um moço muito nosso conhecido; era o Sopmac.

— Conheço muito, e depois?

— Depois não sei porque razão; que minha comadre disse que se elle qualquer dia não provasse uma vara que ella lá tem, deixaria de se chamar *Lolota*.

— Ora essa agora é de deixar uma pessoa de boca aberta, pois esse rapaz esteve toda a semana passada em sua casa, como agora se apresenta este contra-tempo?

— Pois tu não sabes o adagio que ha tão antigo — *O bem paga-se com o mal*, — o culpado é elle; quem o mandou perder o seu sonho, agora aguenta-se. Não sabes quem lida com doudos, ainda é mais doudo.

— Isso é verdade. Mas prima, como é que essa mulher promette com tanta facilidade metter a vara em qualquer homem?

— E' porque pensa que todos são como aquelle que tem em casa, a que ella grita, bate o pé e ás vezes sacode-lhe o pó das costas.

— Então a recompensa que o rapaz teve a receber della em paga dos serviços prestados, foi ser ameaçado? toma que te dou eu; ah! ah! ah! Isso deve elle agradecer a um seu amigo!...

— Olha, primo, a respeito dessa minha comadre, temos muito que conversar; mas fica para outra occasião, porque agora o tempo que temos não chega para poderemos fallar d'outras cousas.

Mas sempre te direi, que fui convidada para assistir a um pomposo baptizado, que terá lugar no domingo, na rua do Cano e desde já te prometto que para a seguinte palestra relatarei tudo quanto lá se passar.

— Prima, disserão-me que tinhas ido á festa da Gloria e por isso desejo saber as novidades que ha a respeito.

— Ah! primo não sabes o quanto estou zangada?

— Então, porque prima?

— Ora, porque, é que se o meu balão não é tamanho morria asfixiada.

— Olá! a prima também levou apertões?

— Levei primo: e digo-te que se não fosse uma aberta que tive para me retirar, não sei o que seria de mim, porque a meu lado estava uma linda moça e tendo um dos circumstantes lhe pizado o balão de tal maneira que não podia tirar o pé de dentro da gaiola; mas a moça que lá teve suas razões virou a mão e zás... uma bofetada. O rapaz que também não quiz ficar atraz do progresso virou-se e ... tome lá! deu-lhe justamente troco igual ao que recebo, d'ahi traváram-se de razões e eu pelo sim pelo não fui-me raspando em paz e harmonia antes que me cheirasse a chamusco, depois puz-me scismando e convidei o mano Vieira a levar-me a passeio por algumas ruas do Cattete,

mas ah! quando nós mal pensamos, encontramos... não sabes quem?

— Não, prima! quem foi?

— Ora quem seria, foi aquella coruja que nos veio contar aquella historia de um namoro! não te lembras prima?

— Não, prima, estou vendo se me recordo, porém não me posso lembrar de tal coruja.

— Então já vejo que deste vez a memoria do primo não está bem apurada! Pois foi a semana passada que isto nos contarão, e já te esquecetes daquella *menina* de trinta annos, que, com todo o samfanson namorava aquelle moço bonito, como uma pimenta?

— Sim, primo, agora me recordo; é a historia daquella velha impertigada! que com toda a senceremonia namorava aquelle *menino* de vinte e cinco annos.

— Justamente! não te lembras mais que esse namoro tornou-se um verdadeiro escandalo para a vesinhança que toda o presencion ás janellas de suas casas?

— E' verdade! e segundo me parece essa moça velha, ou velha moça, com os tregeitos e macaquices que fazia, deu um verdadeiro espectáculo.

Agora, primo, antes que me esqueça peço-te que faças sentir a esses dois cupidos quaes são os effeitos de suas verdadeiras monices, visto que, se continuarem, a coruja prometeu-me voltar a nossa casa para nos fazer sciente de mais alguns acepipes para suas sobre-mesas!

— Prima, fica sabendo que fui na quinta-feira passada ao beneficio de um cego, chefe de numerosa familia.

— Sim, então conta-me o que houve de mais notavel!...

— Primeiro que tudo, o que tenho a contar-te de mais consideração, foi em ser recusada a entrada nas cadeiras de 1ª classe a um joven, por estar de paletó branco.

Isso era de esperar, pois o empresario do theatro annunciou que para as referidas cadeiras, só terião ingresso as pessoas que estivessem decentemente vestidas.

— E depois?

— Assim que entrei, immediatamente deu signal que se ia levantar o panno, e de facto não erão passados dous minutos, dava-se principio ao primeiro acto dos — *Milagres de Santo Antonio*.

— E como foi o seu desempenho?

— Um completo enterro, á excepção do Sr. Costa, que na parte de Marco Aurelio sustentou o seu caracter de principio a fim.

— Pois admira, o theatro onde existem os primeiros artistas?!

— Declaro-te que não gostei; principiando por Lusbel, que apsar de ser invivel, não o foi para mim.

O Sr. Galvão tendo desempenhado por diversas vezes essa tão importante parte, cuja tem agradado; nessa noite achava-se tão satisfeito, que contava a todo transe levar para o seu reino o corpo de frei Antonio; estava tão alegre de sua vida e de commum accordo com o leigo Ignacio,

que eu das cadeiras da 2ª classe, observei que rião-se visivelmente em partes tão sérias.

O Sr. Lisboa metteu a parte de frei Antonio em um novo jogo de scena, anda sempre gingando.

Olha, primo; não lhe conheces a mania, é porque julga que os frades naquelle tempo jogavam capoeira.

— Emfim, — *Os Milagres de Santo Antonio* — forão enterrados, e quasi que enterrado também vi o Sr. Ferreira, por causa de um formidavel tombo que lhe deu Lusbel.

Por fallar-mos em enterros, prima, vou terminar com a palestra antes que me venhão enterar com a penna e tudo. — Até domingo.

Dr. Sinfrônio.

AVISO.

Rogamos a todas as pessoas que nos honrarão com suas assignaturas, hajão de reclamar nesta redacção, qualquer falta que se dê na entrega da nossa folha, afim de immediatamente darmos as necessarias providencias.

N. B. Todos os senhores que quizerem obsequiar-nos com algum artigo podem dirigi-los a esta typographia.

Visto nós achar-mos mais conveniente, por isso participamos aos Srs. assignantes, que têm direito a botar algum annuncio até 12 linha e passando pagarão 60 rs. por linha.

Typographia de Domingos Luiz dos Santos.

Rua Nova do Ouvidor n. 20.